

Derbyshire, Desmond. 1965
Textos hixkaryâna.

Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. V. 3. 206 pp.

Recenseado por Aryon Dall'Igna Rodrigues

O Hixkaryâna é uma língua da família Karíb falada por uns cem índios, que vivem no rio Nhamundá, na fronteira entre os estados do Pará e do Amazonas. Derbyshire, membro do *Summer Institute of Linguistics*, vem-se dedicando ao estudo desta língua desde 1959 e já teve ocasião de publicar um trabalho sobre a sua gramática (“Hishkaryana (Carib) syntax structure”, *International Journal of American Linguistics*, vol. 27, p. 125-42 e 226-36, 1961), assim como uma nota comparando seu sistema fonológico com o de outras duas línguas proximamente aparentadas (“Notas comparativas sobre três dialetos Karibe”, *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série, Antropologia* n° 14, Belém, 1961).

O presente volume consiste numa coletânea de trinta textos, distribuídos em quatro classes: 1) mitos, 2) contos de antigas pelejas, 3) o ciclo de vida, 4) o pajé. Cada texto é apresentado em três línguas: Português, Hixkaryâna e Inglês. Por meio de numeração das frases e de números elevados acrescentados a cada palavra do texto hixkaryâna e às palavras correspondentes nas versões portuguesa e inglesa, indica-se *grosso modo* a correspondência léxica entre aquele e estas. Para não sobrecarregar as versões com a tradução das frequentes partículas modais do Hixkaryâna, é apresentado um elenco destas, com indicação de seu valor, na “Introdução” (p. 9-10).

Esta coleção de textos é de grande interesse tanto para o etnólogo quanto para o linguista. O primeiro tem nela material mítico (13 mitos) e narrações informativas sobre a sociedade e a religião dos hixkaryâna, numa quantida-

de que lembra o II volume da grande obra de Theodor Koch-Grünberg, *Vom Roroïma zum Orinoco* (II, “*Mythen und Legenden der Taulipâng – und Arekuná – Indianer*”, Stuttgart, 1924), cuja coletânea de textos caribes é, entretanto, bem maior (50 textos) que a de Derbyshire (30 ao todo). Este, porém, oferece mais material para o linguista, já que dos textos de Koch-Grünberg apenas 11 são apresentados na versão indígena, a saber em Taulipang (nenhum em Arekuná). Além disso, o material hixkaryâna está elaborado fonemicamente, ao passo que os textos taulipang foram apresentados em transcrição fonética, nem sempre segura devido às condições em que trabalhava Koch-Grünberg. Mas esta observação não nos deve levar a subestimar o trabalho deste notável etnólogo e linguista, pois ele fez sua documentação há mais de 50 anos, quando ainda não se tinha desenvolvido nenhuma técnica de análise fonológica e quando não existia gravador magnetofônico e o registro de dezenas de páginas diretamente da boca do índio, sem possibilidade de repetição uniforme, exigia qualidades de paciência, pertinácia e consagração à ciência que só nos grandes pesquisadores se encontram.

Coleções de textos constituem um complemento importante para as descrições linguísticas, que raramente tem sido proporcionado no caso de línguas indígenas brasileiras. Textos abundantes não só proporcionam elementos para melhor compreensão da descrição gramatical, mas também permitem a qualquer linguista a reinterpretação e reformulação das análises disponíveis, seja para corrigir insuficiências do primeiro analista, seja para enfatizar os fatos da língua a partir de um novo ponto de vista. Em línguas com sistema flexional mais ou menos complexo, comportando uma quantidade de alterações morfofonêmicas, como é o caso das línguas da família Karíb, seria útil acrescentar à coletânea de textos um índice de temas ou morfemas raízes e dos afixos que ocorrem na obra. Este índice poderia ser organizado de maneira sucinta, de modo a não sobrecarregar o volume, e aumentaria de muito sua utilidade para os linguistas.

A publicação de obras técnicas, como a presente, em duas línguas — português e inglês — implica, geralmente, num excesso de trabalho o do custo que pouco se justifica. Já que se dirigem a um público especializado, em geral poderiam ser apresentadas numa só língua: os antropólogos e linguistas brasileiros devem saber inglês já para o estudo da literatura básica dessas ciências e, por outro lado, os especialistas estrangeiros em índios brasileiros devem ler português para poder ter acesso senão à maior parte, pelo menos a uma parte ponderável da literatura específica sobre esses índios e suas línguas. Entretanto, em casos como o presente, uma boa coisa provavelmente seria a apresentação da tradução linear apenas em português ou inglês e, na outra língua, a oferta de uma tradução em linguagem normal e, portanto, mais legível para um público mais amplo e mais variado.

Há alguns reparos a fazer à introdução (p. 5-10), aliás, bem concebida, com muitas informações necessárias para a apreciação linguística dos textos. Na seção que trata da morfofonêmica (p. 7), lê-se: “Os oito tipos de mudanças principais são os seguintes: (i) perda de vogal... (ii) metátese...” E não aparecem os outros seis tipos anunciados (terão sido perdidos na composição tipográfica?). Na p. 5, onde está: “cada palavra hixkaryâna tem um número subscrito atrás”, devia estar “superscrito” ou “elevado”; na seção sobre o léxico, à p. 8, no parágrafo (ii), depois de “Partículas de modo” deve ler-se “Estas são formas” em vez de “São estas formas...”; logo adiante, em vez de “Nesta transição dos textos” deve ler-se “Nesta transcrição dos textos”. À p. 9, na explicação da partícula *haxa* deve ler-se “real” em lugar de “atual” (inglês *actual!*); à p. 10, na explicação de *xako* deve ler-se “mudança de estado”, e na 6ª linha do parágrafo sobre os modificadores (iii) deve ler-se “...que haja na locução”.